



escrita

guatã - cultura em movimento

6

olhos

Agnelo Rocha

Áurea Cunha

Carine Cavalcanti

Dieguito

Hans Marthen

Juciela Miglioranza

Kambé

Lalan

Paola De Orte

Renato Pontello

Rogério Silva

Waldi

palavra

Almandrade - Áurea Cunha - Bell Oliveira - Brenda Marques

Bruna Dornelles - Carlos Luz - Célia Musilli - Fernanda Spinola Guimarães

Jackson Lima - Mapê Carneiro - Maria Cristina Lobregat - Maria Izabel Leão

Paulo Bogler - Robson Mattjie - Silvio Campana - Toninho Vilasboas



“ Brilhar pra sempre
Brilhar como um farol
Brilhar com um brilho eterno
Gente é pra brilhar
Que tudo mais vá para o inferno
Este é o meu slogan
E o do sol.

(Maiakóvski)

Traduzir a identidade

multifacetada da tríplice fronteira,
celebrar o sentido de pertencimento
neste canto do mundo e cerrar
fileiras na defesa da arte, da memória
e da leitura como ferramentas de construção
de cidadania e de humanidade.
Este compromisso resume a existência
do www.guata.com.br, o portal na Internet
da Associação Guatá - Cultura em Movimento.

Artes, memórias,
linguagens e leituras.
No plural!

Seja bem-vindo!

Aguce os sentidos. Acesse cultura!

www.guata.com.br

NOSSOS CLIENTES COMPLETAM
NOSSA EQUIPE!

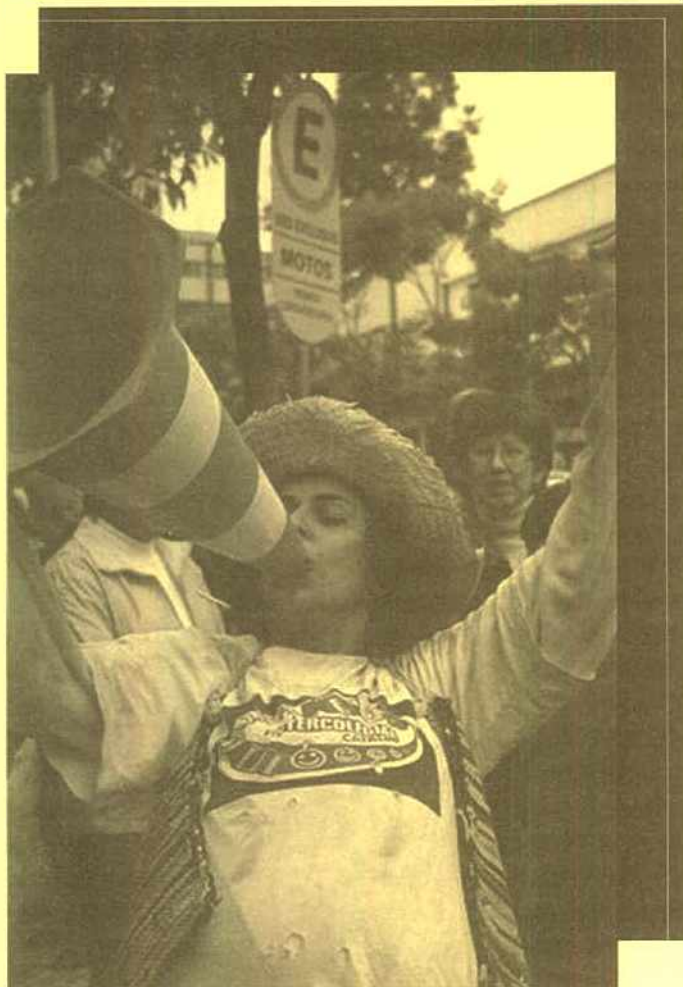
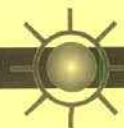


Documentários
Audiovisuais
Videoclipes
Comerciais
Vinhetas
Filmes



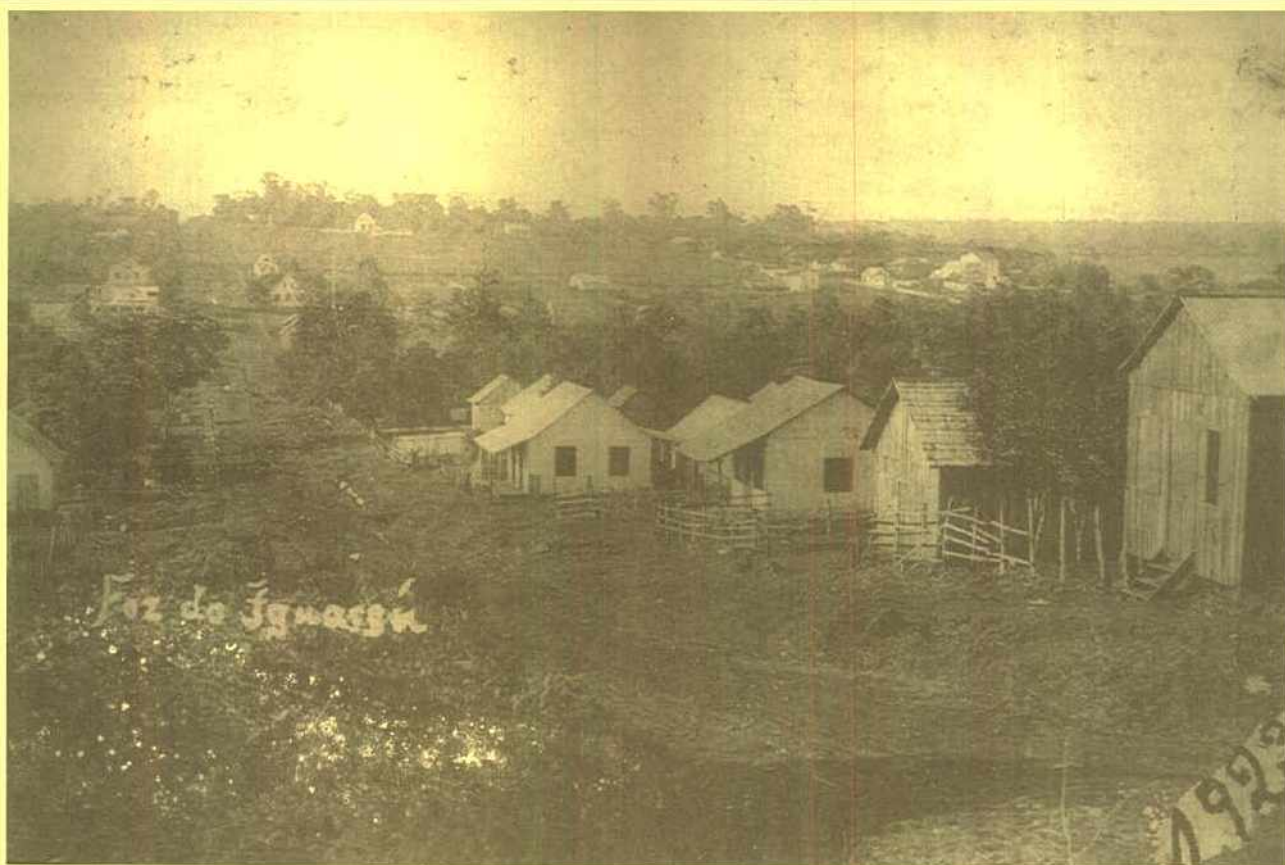
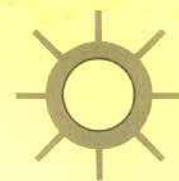
ZEPÁ
cine & video

Rua José Vicente Ferreira, 413
Foz do Iguaçu | PR
fone/fax: (45) 3028 2129
zepacinevideo@gmail.com



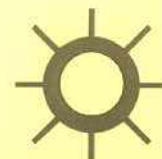
Cena de "Quixote", apresentado pelo grupo goiano "Teatro que Roda" nas ruas de Foz do Iguaçu, Pr. Foto de Áurea Cunha

Somos todos irmãos da lua
Moramos na mesma rua
Bebemos no mesmo copo
A mesma bebida crua
O caminho já não é novo
Por ele é que passa o povo
Farinha do mesmo saco
Galinha do mesmo ovo
Mas nada é melhor que a água
E a terra é a mãe de todos
O ar é que toca o homem
E o homem maneja o fogo
E o homem possui a fala
E a fala edifica o canto
E o canto repousa a alma
Da alma depende a calma
E a calma é irmã do simples
E o simples resolve tudo
Mas tudo na vida às vezes
Consiste em não se ter nada



memória, 1923.

Via principal de Foz do Iguaçu, em fotografia datada de 1923. Autoria atribuída a Hans Marthen.



soujo

escrita 6

- 03 - Tirando de Letra - Renato Teixeira
- 04 - OLHOS - Hans Marthen
- 06 - OLHOS - Paola De Orte
- 07 - Exercício sobre o tempo presente - Célia Musilli
- 08 - Pássaros da Cidade - Toninho Vilasboas
- 10 - OLHOS - Dieguito
- 11 - Poesia - Almandrade
- 12 - Seu Osvaldo, o barbeiro - Robson Mattjie
- 13 - OLHOS - Lalan
- 14 - 33 formas de dizer Cataratas - Jackson Lima
- 16 - Poesia - Bruna Dornelles
- 17 - OLHOS - Renato Parolli
- 18 - OLHOS - Walidi
- 19 - Segredo de Gravirá - Brenda Marques
- 20 - E'Guatá - O Recanto dos Cactos
- 22 - O Anjo da História - Walter Benjamin
- 23 - Convite à utopia - Paulo Bogler
- 25 - OLHOS - Áurea Cunha
- 26 - Poesia - Mapê Carneiro
- 27 - OLHOS - Carine Cavalcanti
- 28 - OLHOS - Agnelo Rocha
- 29 - Ênfase - Silvio Campana
- 30 - Poesia - Fernanda Spinola
- 31 - OLHOS - Jucileia Miglioranza
- 32 - Poesia - Bell Oliveira
- 33 - OLHOS - Kambé
- 34 - A onipresença da mídia - Izabel Leão
- 36 - Poesia - Carlos Luz
- 37 - OLHOS - Rogério Silva
- 38 - Um toque - Maria Cristina Lobregat



Na capa:



*Escrita 6,
marcas indelévels ao caminhar*

A beleza do espinho

*Centenas e centenas de cactos.
Um mar de espinhos e histórias esperam
pelo visitante no Solar dos Cactos.*

Pegadas na areia é quase um clichê para se dizer da passagem de alguém em lugar e em um tempo. Vale a pena então, tentar extrair desta idéia um conceito mais apurado, que é a interferência feita na areia, ainda que aparentemente a água lave o caminho e desarme totalmente o registro dos pés.

Nossos passos tendem a perder a forma, é claro, e para um olhar menos atento, desaparecem, tão efêmeros, que são.

No entanto, tanto o caminho quanto os pés que o caminharam estarão impregnados para sempre em um e em outro.

Invisíveis a olho nu, mas indelévels.

Nesta revista 7, somos todos caminhantes de um mesmo assunto: a vida e o amor por ela. Crentes e incrédulos, estão aportados aqui. Há os que lembram ou projetam e os que apenas vivem. Mas, entre todos, uma malha de trama fina nos acolhe. Uma espécie de rede onde cabe a acidez, a materialidade, a doçura, o exagero e a contenção. Estilos e propósitos de cada um, se enredam para serem degustados e impregnar.

São verdades de mulheres e homens que escutam suas próprias viagens e contam pra você leitor, o risco e o sabor de se aventurar em olhar o mundo com mais atenção.



Silvio Campana

Guatá
cultura em movimento

Escrita é uma publicação da Associação Guatá - Cultura em Movimento, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho Editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131

Revisão e traduções: Ana Carolina Miskalo e Paulo Bogler

Foto da Capa: Áurea Cunha - **Projeto Gráfico:** Silvio Campana

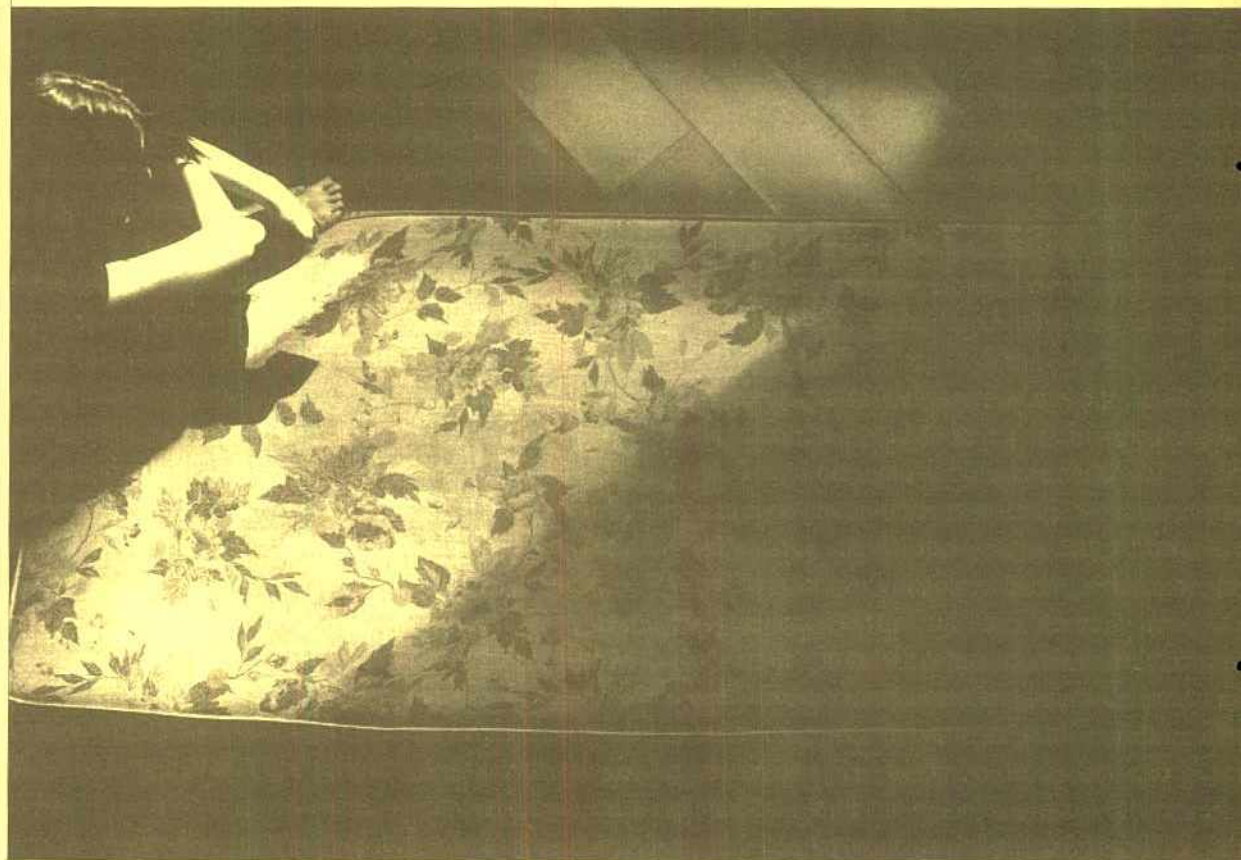
Colaboram nesta edição: Agnelo Rocha, Almandrade, Áurea Cunha, Bell Oliveira, Brenda Marques, Bruna Dornelles, Carine Cavalcanti, Carlos Luz, Célia Musilli, Dieguito, Fernanda Spinola, Izabel Leão, Jackson Lima, Jucileia Miglioranza, Kambé, Lalan, Mapê Carneiro, Maria Cristina Lobregat, Paola De Orte, Paulo Bogler, Renato Parolli, Robson Mattjie, Silvio Campana, Rogério Silva, Toninho Vilasboas,

Fotolitos e Impressão: Gráfica Ideal - Tiragem desta edição: 2.500 exemplares

Visite-nos: www.guata.com.br / Contate-nos: guata@guata.com.br

escrita 05

olhos



Fotografia de **Paola De Orte**, jornalista em Curitiba, Pr.

Exercício sobre o tempo presente

Quando tudo terminasse, ela veria o rastro da estrela que encontra a aventura no seu próprio abismo, a moldura de um retrato antigo onde faltaria a imagem, o cheiro da flor que ninguém vê, a estrada que se bifurca levando os passageiros a se confundirem sobre a direção.

Quando tudo terminasse, ela faria inventários das angústias e da suprema felicidade, momentos que se alternam como a noite e o dia, o frio e o calor dos corpos, a reunião e a dissipação das nuvens.

Quando tudo terminasse, o que foi dito faria um sentido maior, como o eco das coisas suspensas num tempo que não existe mais, no espaço que foi modificado, no caminho que se abriu para outras passagens, como os círculos que se desenhavam na água quando a pedra bate e se multiplicam, se multiplicam, se multiplicam em roteiros inimaginados, cheios do encanto do imprevisível.

Então, e só então, os dois veriam o quanto é inútil puxar os fios do passado, das coisas que mudaram de lugar, dos rostos que nunca serão os mesmos, dos amores que se refugiaram em outra dimensão...

Assim como é inútil pensar sobre o futuro, este senhor inescrutável que não se mostra nem se escuta, a não ser como um exercício de imaginação de uma vida que ainda nem existe e está sujeita ao nascimento, como tudo o que existe está sujeito à extinção ...

E veriam que o importante é desejar sobre o presente, o momento, o instante, o átimo, tocando cada filigrana dos acontecimentos porque tudo está à disposição por um tempo determinado, o tempo presente que acaba a cada dia, sem a chance de ser retomado quando tudo, enfim, terminasse, num movimento plácido, vivido e completo como o pouso da garça num espelho d'água.



Célia Musilli é jornalista e escritora em Londrina, Pr.

Pássaros da cidade

um conto de Toninho Vilasboas

Ora, eu não sabia que ao lado do Labclin, na rua Flamingos, havia um pé de jatobá. Sim, senhor; e é alto e bem encopado com aquelas folhas brilhantes. Balaçam ao vento morno, os cachos de flores verdes, miudinhas, ainda por abrir e vários frutos temporões: vagens graúdas marron-lustrosas. Em frente, há uma palmeira rabo-de-peixe e também uma moita de árvore do viajante... Essas plantas chamam a atenção porque já são velhas e revelam proprietários cuidadosos que souberam enfeitar seus lares com jardins e/ou, talvez depois, preservá-los, dando à cidade estas jóias da flora. Elas acabam atraindo uma pequena fauna alada e movimentada e é, assim, que o nobre título de nossa Arapongas - Pr. não fica nem tão vazio, nem anda tão silente...

A palmeira ali, por exemplo, esgalhada, quase imita a copa dum pinheiro. Nos cachos de coquinho, cor de creme ao nascerem, acolhe inúmeros insetos de cores variegadas, zumbidores ou não. Nas folhas espigadas, abriga pássaros: lá estão dois casais de ternas rolinhas, agora febris, em juras de amor eterno. Dissimulam até bem as insistentes consumações deste ardor, cachorras! Parecem que não vêem que no topo da árvore há dois bem-te-vis do peito branco

ou quase, vendo tudo. Buliçosos e intrometidos como são, pulam de galho em galho:

- Bem-te-vi!!! Bem-te-vi!!!

E descem em picada até a chão, capturando presas suculentas que caíram da palmeira e toparam com a rude e dura calçada; a micro-ecologia vai tomando novos rumos... E tornam à cima, proclamando um domínio territorial sonoro.

Mas o que mais me trouxe lembranças foi uma minúscula e gentil corruíra que nem vi, mas que juro ali estava com o seu canto familiar: gorjeios matinais, claros e melodiosos. Suponho que tenha seu ninho em algum vão, nas axilas das folhas da palmeira. Como é seu costume, qualquer cavidade serve-lhe de guarida. Lembrei-me então de que dentro duma lata de leite-em-pó que continha pregos velhos, pela metade, esquecida pelo carpinteiro na viga de um puxado, numa casa de minha infância, havia um ninho destas cantoras simpáticas...

Mamãe em jejum está lá dentro, esperando as enfermeiras, enquanto eu aproveito o tempo - depois de tantos anos - e ouço e contemplo estes espécimens de minha terra. Sendo já mais de seis e trinta da manhã, deito os olhos sobre um bando de bicicletas de ambos os sexos.

Seus pneus - chiando - descem a rua, deslizando diligentes rumo às indústrias moveleiras, alimentícias e outras. São trabalhadores que vão calados, em velocidade e roupas uniformes, como vão os operários de uma cidade do sul.

- Do sul? Como assim? Qual? E... por que calados?

Bom: sul, norte, centro... Isto já não importa! O certo é que um deles vai com o coração doído. Pedala desorientado seguindo os outros. Oprime-lhe os ombros uma tonelada de pesar, dose industrial. Não dormiu direito esta noite e, por cima, a ressaca. Não fosse a mãe, que acorda com o galo, ele nem teria levantado. Tomou um porre, sim, pois a namorada dele, secretária do patrão, deu-lhe o fora, ontem de tardezinha... Tão de supetão ela jogou aquilo na sua cara que a mortadela do sanduíche atravessou-se-lhe na goela. Ela entrou, onde nunca tinha entrado, onde só entram os homens da vila no fim da tarde e, nervosa, até esbarrou num dos banquinhos; irritou-se ainda mais, fungou algo e o empurrou contra o balcão. Por pouco não quebra o vidro que mostra cervejas no refrigerador e derramou seu desencanto. Não, nem gritou. Não foi preciso, pois o silêncio que sua entrada provocou... Economizou nas palavras,



mas não na amargura e foi-se embora... Ele, ele ia engasgar, sufocar, não fosse a branquinha que ele virou de uma só e pediu outras! Os amigos, o bar tava lotado, riram dele e como riram!

- Ué! Mas não era ele que cantava juras de amor pra ela, feito pombinho? Serenata no aniversário, no dia dos namorados...?!

- Tá vendo, cara? E a gente aqui te ajudando a comprar o violão amarelo!

Ai que dor no peito e na garganta! Era verdade; cantou pra ela durante meses, contou pra eles por quase um ano. Era um corruíra ardoroso, já disposto a construir-lhe um ninho. Com tanto amor assim, qualquer local, em qualquer vila ou conjunto, servir-lhes-ia de guarida... Até jardim eles iriam plantar... Limão, hortelã e pimenta cumbari.

Mas o patrão, bem-te-vi do peito branco ou quase, já tinha estado, ainda que dissimuladamente, arrulhando a sua rolinha. E muita coisa deve ter rolado: galinha! Bem que sua mãe lhe avisou:

- Abre dos olhos, meu filho!

Mas ele chamou a velha de ave-de-mau-agouro, de sogra temporã, de mãe-coruja, sei lá!

Coitada, dava-lhe pena ver no filho único o quanto o amor é cego! E a moça foi ficando diferente..., indiferente...,

diversa até no corpo... Ou eram minhocas na cabeça dele? Escaquetou. Reagiu. Minha mãe é foda! Magina, chamar a moça de franga-choca?! Ela nunca gostou da Sirlene. Mas, pensando bem, esta agora se incomodava com o seu jeito de vestir; depois já franzia a testa com o seu modo de falar; se até o violão e as canções a desgostavam.

E, bom! O figurão cantou mais alto e mais sonoro, e proclamou por fim o seu domínio. Por isso é que ela, agora, anda procurando laboratórios... Não estará, agora mesmo, neste daí? Viu de rabo de olho um cara de cara erguida contra o sol, olhando a árvore... Quem será? E mais abaixo o carro estacionado:

- É ele!

Encrespou mais que as folhas da palmeira e freou... Deu meia volta. As pombinhas voaram. Bem-te-vi! Faria uma loucura! Bem-te-vi!

Apoiou a mão no capô; olhou dentro, mas...

- Não era... Explicou ao companheiro, o outro cicleteiro, que veio ver.

- Tá doido, Alonso? Reagiu este.

- Mas parecia, disse encabulado!

- E rico lá desperta a estas horas, rapaz?! Vamimbora!

Foram-se. ●

● Toninho Vilasboas é brasileiro, faz pesquisas históricas em Veneza, Itália.

covidro
COMÉRCIO DE VIDROS E ACESSÓRIOS LTDA.

**Pára-brisas
de carros
e pick ups,
nacionais e
importados**

**Acessórios
para todos
os modelos
e marcas
nacionais**

- Fárois
- Lanternas
- Fechaduras e maçanetas
- Estribos
- Santo Antônios

Tel: (045) 3528 0070



www.covidro.com.br

Rua Santo Rafagnin, 1020, Vila Portes
Foz do Iguaçu - Fax: (45) 3528.0717
covidro@covidro.com.br



sielva

Desenho de **Dieguito**, estudante em Luque, no Paraguai.



Natal

Uma voz nua
canta o sentimento
conversa de natal
a solidão
nos contempla
somos habitados
pela música
da noite.

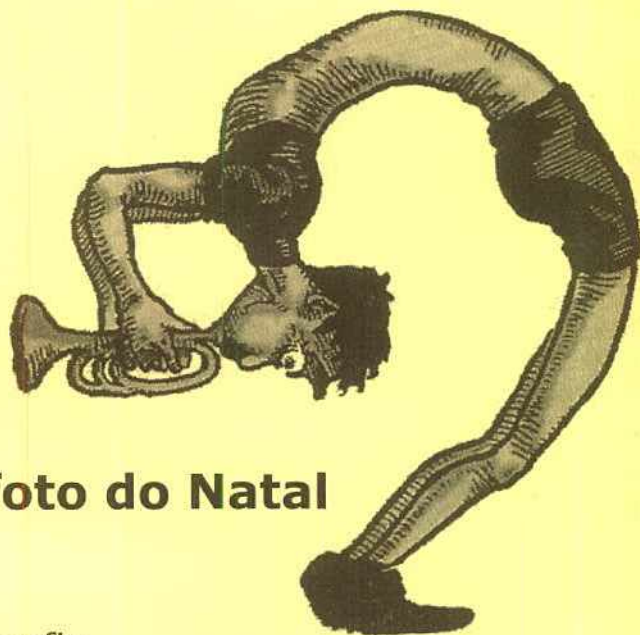
Noite de Natal

Atrás da canção
uma grande lua
a estrela da festa
sinos da madrugada
que ninguém mais
escuta
despertam
lembranças distantes.



Almandrade
é artista plástico,
poeta e arquiteto em Salvador, Ba.

Almandrade



Uma foto do Natal

No ar
a coreografia
de uma flauta
antigas velas
ainda acesas
velhas ceias
em preto e branco
esperando
a madrugada
e a festa

...

O natal se arrasta
Lentamente.

Seu Osvaldo, o barbeiro



O homem entrou na barbearia, sentou na cadeira, inclinou-se para frente para chegar mais perto do espelho, deu uma passada de mão nos cabelos, alisou a barba e reclinou-se para trás, encostando-se na cadeira:

- Quero que faça minha sobancelha - disse a voz grave do homem.

Naquele momento um silêncio constrangedor ganhou a barbearia. Seu Osvaldo, o barbeiro mais competente da cidade, aquele mesmo que já aparou o bigodão do José Sarney nos anos 80 quando este visitou a cidade, homem sério,

53 anos, 35 só de profissão, Seu Osvaldo, casado, pai de duas filhas a quem educa no melhor estilo sulista de ser, nunca imaginou, ao longo da sua vida profissional, se deparar com tal situação.

Acostumado a fazer a barba e cortar o cabelo dos velhos amigos, como o Seu Alfredinho que foi o seu primeiro cliente e até hoje, religiosamente, vai uma vez por semana na barbearia do amigo. Do Marcelão, o mecânico do bairro. Do Carlos Galhardo, vereador na cidade. Do Juca Padilha, o piloto de aviação, que, sempre quando pode, dá um jeito nas madeixas com o velho Osvaldo, como ele gosta de chamar. Do prefeito da cidade que tem horário preferencial, entre tantos outros amigos e clientes que por ali passam, Seu Osvaldo se viu numa enrascada com o homem sentado a sua cadeira.

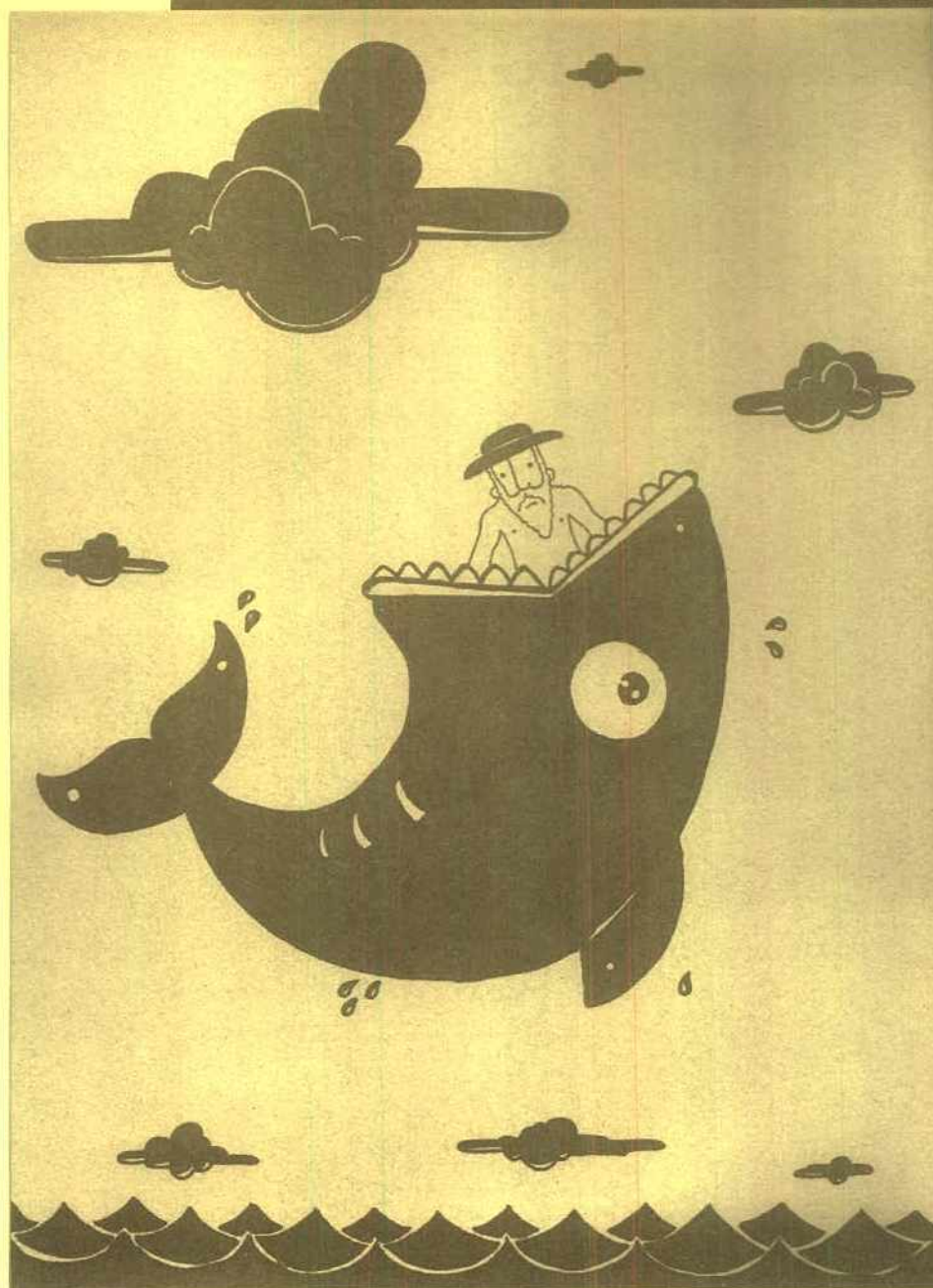
O tradicional cabeleireiro é tão conceituado que os pais, desde cedo, levam os filhos para cortarem o cabelo com ele, como é o caso da família do Freitas, ex-jogador profissional de futebol, que há três gerações só vai ao Seu Osvaldo quando o assunto é beleza.

Agora, tirar a sobancelha. Essa situação, em 35 anos de profissão o Seu Osvaldo nunca tinha passado. 'O que vão pensar os meus amigos se chegarem aqui e eu estiver tirando a sobancelha de um baita marmanjo, tchê', pensou Seu Osvaldo. 'Era só o que faltava, porco dios'. 'Essa eu vou ter que contar hoje à noite lá na canastra'. 'Puto de merda'. Em 10 segundos, o tempo que durou o silêncio constrangedor, o Seu Osvaldo foi rodeado por questionamentos, afirmações e dúvidas, até que tomou coragem para falar alguma coisa e quebrar o gelo.

- O senhor disse sobancelhas? ☀



Robson Mattjie é músico e jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



o homem e o peixe

Desenho de LALAN, ilustrador em São Paulo, SP.

Cataratas 33 formas de dizer



do Iguacu

1. (português)

foto: áurea cunha

2. Cataratas del Iguaçu (español)
3. Cataratas do Iguazú (Galego)
4. 伊瓜苏瀑布 (chinês - Iguasu Pú Bú)
5. Cascades de l'Iguaçu (Catalão)
6. |과수 폭포 (coreano - Iguasu Po-Po)
7. イグアスの滝 (japonês - Iguasu no taki)
8. Iguassu Falls (inglês)
9. Chororo Yguazu (guarani)*
10. آبشار اگوازو (persa)**
11. Chutes d'Iguaçu (Francês)
12. |ايجوا و|شلالات (Árabe - Shallalat Iguasu)**
13. Водопады Игуацы (Russo - Vadopadi Iguasu)
14. Thác Iguazu (Vietnamês)
15. آبشار اگوازو (Urdu - Paquistão)**
16. Водоспад Игуацы (Vadospad Iguasu - ucraniano)
17. น้ำตกอีกวาซุ (tailandês)
18. இகுவாசு அருவி (Tâmil)
19. Iguassufallen (Sueco)
20. Iguassun putoukset (finlandês)
21. Slapovi Iguazú (Esloveno)
22. Wodospad Iguaçu (polonês)
23. Iguaçu-fossene (Norueguês)
24. Igvasu krioklys (Lituano)
25. |אִיגּוּאַסוּ פּלִי| (Hebraico - Mapalim Iguasu)**
26. CASCATE DELL'IGUAZÚ (ITALIANO)
27. Air terjun Iguazu (Bahasa indonésio)
28. Iguaçuwatervallen (Holandês)
29. Iguassu-Wasserfälle (Alemão)
30. Iguazu ur-jauziak (Vasco - Euskara)
31. Akvofalo Igüacuo (Esperanto)
32. Rhaeadrau Iguazú (Cymraeg - Galês)
33. Iguazú-vízesés (Húngaro)

Comentários do autor:

* Chororó (Chololó) em guarani é conhecida dos brasileiros. Lembra da música de ninar que diz: "eu fui ao 'itororó' 'bebê' água e não achei...? Bem, "tororó" ou itororó é uma derivação do guarani. Não me atrevo a dizer se é uma corruptela ou não. Quem sou eu? De qualquer maneira, Itororó e Chororó significam "Cachoeira".

Mas aviso que Cataratas do Iguaçu é um assunto muito complicado. Essa tendência de separar o rio, as águas, os saltos é européia. Não é guarani. Assim, Iguaçu, Yguazu ou seja lá como for, não é tão simplesmente traduzido como Água Grande. Um lago, um rio, muita água na frente tudo é Iguaçu. É possível que o guarani não pense em "Chororó Yguazu" ou que o faça somente quando estiver traduzindo de nossa maneira de ver para a dele. Além disso, outras palavras para Chororó são Ytu-Saingó, Ytu, etc.

Mais uma notinha:
o português é muito rico em palavras para Cataratas, cachoeiras, saltos, quedas, caichão e muitas outras. Entre elas, CATADUPAS, que se encontra no hino de Foz do Iguaçu:
"Catadupas, surgiu da Neblina!"
Tem mais!!!!



Jackson Lima é jornalista e blogueiro em Foz do Iguaçu, Pr.

bruna dornelles

(não) pertencer



I

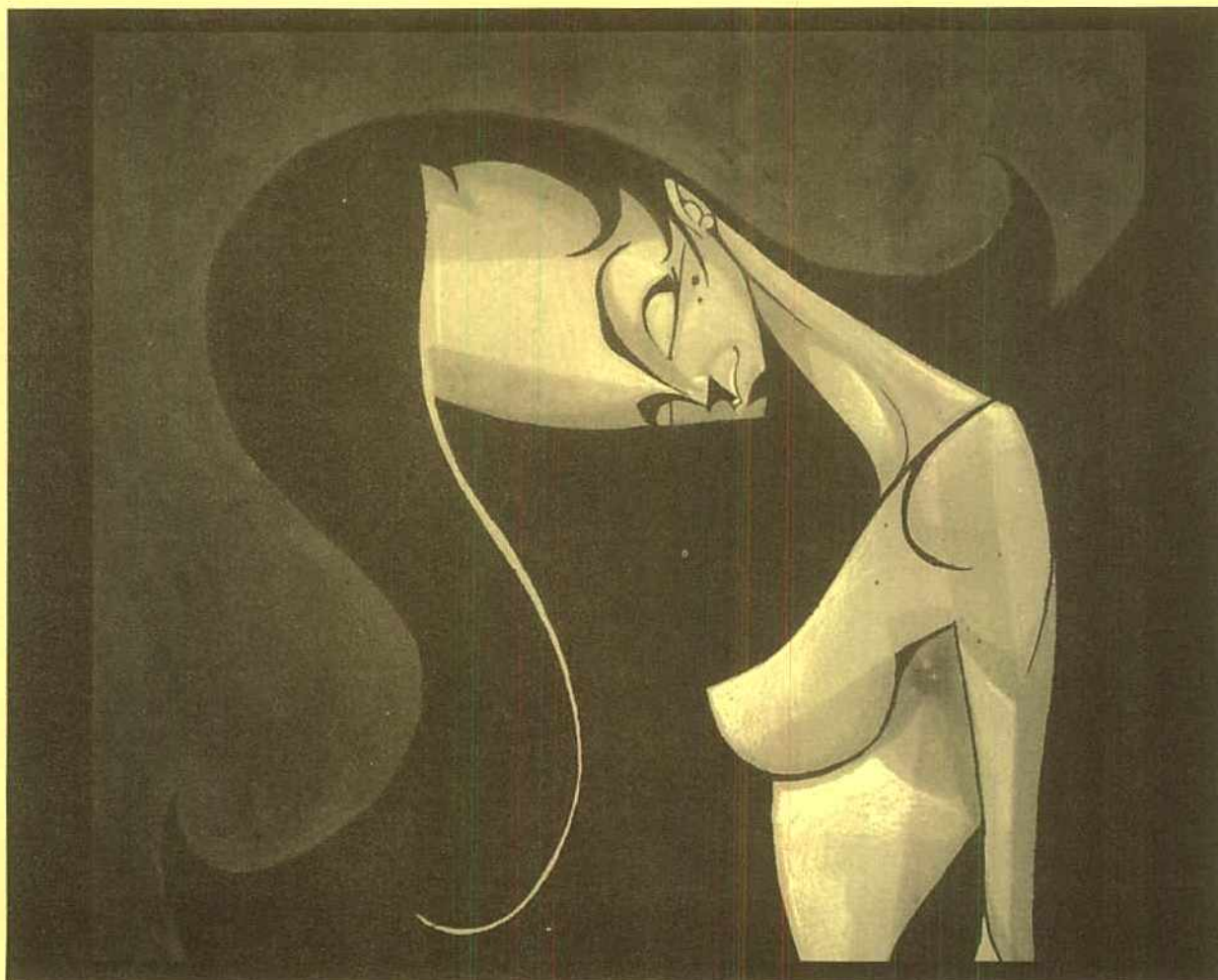
finalmente,
não sou mais
hoje eu piso e
consigo sentir meus pés no frio do chão.
estou rodeada de antigos objetos
que não reconheço mais,
e quando vejo o vermelho em minhas mãos
consigo perceber a minha sede
que há tempos havia se perdido...
posso mapear outros corpos
encontrar as rasuras alheias
pintar os meus rabiscos
com toda a leveza
que eu me quero:
como é bom escolher de quem ser,
finalmente.

II

Queres ouvir qual o meu acalanto?
saber, que
tens na minha ausência,
a minha presença.



Bruna Dornelles é estudante de Letras em Florianópolis, SC.



roxane

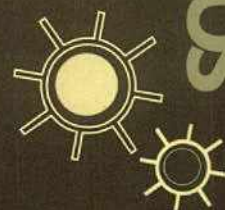
Desenho de Renato Pontello, 24 anos,
ilustrador e grafiteiro em São Paulo, SP.





festa brasileira

Ilustração de Waldi, artesão em Puerto Iguazú, Argentina.



olhos

Segredo de Grayirá

No século XVIII habitavam os Kamakã em pequenas aldeias às margens do rio Pardo. A tribo ficou conhecida pela semelhança com a família Gê e por uma mulher que em 1938 era a única que restava na tribo, uma índia velha, de sangue puro e fibra. Jacinta Grayirá carregava consigo séculos de tradições orais. Um serviço de proteção dos índios no Sul da Bahia passou a cuidar daquela preciosa relíquia indígena. Ela sempre contava sobre uma estória com pica-paus, capivaras, preás, caratingas e flechas que transformaram dois irmãos em astro e satélite de toda humanidade.

Apocai e Puá viviam em uma floresta e costumavam caçar preás para se alimentarem. Puá sempre cuidava do seu irmão e o repreendia pelo péssimo comportamento. Ele fazia sempre o que queria e almejava ser rei para governar todas as estrelas. Um dia Apocai trouxe para a irmã preás, que tinham o sabor de carás cultivados, mas eles fugiram antes de serem comidos por Puá. Revoltado, Apocai correu até alcançá-los e matá-los com os dentes. Depois sentiu sede e bebeu toda a água do rio.

Puá ficou nervosa com a atitude do irmão e como ainda estava com fome comeu algumas caratingas. Sem perceber, os dois estavam matando animais destruindo



a floresta. Eles acabaram sendo presos em uma caverna. Lá Apocai descobriu uma fórmula nilagrosa e se transformou em um carrapato, ugiu e viveu vários anos como um inseto. Um dia sentiu falta da irmã e foi buscá-la, mas Puá não estava mais na caverna. O irmão enfurecido, roubou as flechas de todos os índios das tribos Kamakã. Na aldeia, os índios furiosos pediram a pica-paus que tinham nas penas o poder do fogo para atacar Apocai. Ele fez uma porção de lama para jogar no pássaro até que as chamas se apagaram. A tribo furiosa, rogou uma praga a Puá, ele começou a arder, foi isolado da Terra queimando e ganhou o nome de Manyuán, o sol dos povos indígenas. E Piá? Onde foi parar a irmã do agora governador das estrelas? Ela também se encheu de fúria e foi roubar flechas em uma aldeia distante entre Minas e o Espírito Santo. Mas os Masakarí eram mais fortes e conseguiram atingi-la. Ela ficou marcada, mas as flechas platinadas lhe deram o brilho de um espelho. Ela foi condenada a ficar isolada junto com o seu irmão, mas precisaria do calor do sol para curar suas feridas. Foi assim que Sol e Lua reinaram para sempre no céu e passaram a iluminar os dias e as noites dos povos indígenas que foram atacados por eles. ☀

☀ Brenda Marques é poeta, escritora e jornalista em Belo Horizonte, MG.



Restaurante Bar - Comida Baiana

Atendemos de segunda a sexta,
a partir das 18 h.

Sábado, a partir das 12h
e, no domingo, das 12h às 16h.

**Quartas à noite
e domingos ao meio-dia,
rodízio de frutos do mar.**
Mais de 30 pratos e sobremesa

**Quintas à noite
e sábados, ao meio-dia,
buffet da culinária baiana e nordestina.**
Mais de 20 pratos e sobremesa.

Servimos também a la carte
Entrega em domicílio pelo telefone:
(45) 3025 1144

Música ao vivo todos os dias.



Rua Marechal Deodoro, 1228 - Centro
Foz do Iguaçu - PR - Brasil

www.restaurantetemperodabahia.com

Espinhos e flores

O **Recanto** foi idealizado há oito anos pela dona de casa Marlene Parzewski, 68 anos. Ela conta, em uma história cheia de suspense, que teve um sonho com o local tal qual ele é hoje. Tempos depois, ela comprou o terreno ao lado da casa onde mora e começou a coleção, transformando sonho em realidade. Ela faz questão de frisar que nunca teve interesse ou conhecimento sobre cactos antes.

No começo, ela comprou e trouxe em táxis todos os 90 vasos de cactos de uma exposição de flores que acabara de chegar na cidade, “deixando o expositor sem nada para mostrar ao público”. Tempos depois, novas espécies foram sendo trazidas pelo mesmo expositor até completar a coleção atual. “Com esse monte de espinhos, Deus me mostrou a felicidade”, completa a animada dona de casa.

Textos e fotos de Áurea Cunha

observações

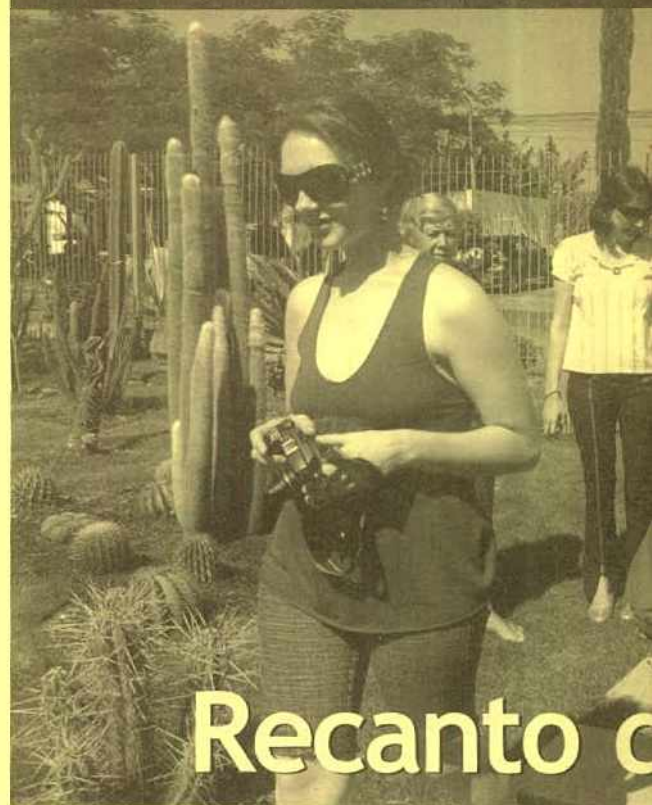
Onde fica:

Rua Acácio Pedroso, 625,
Jardim Iguaçu.

Quanto custa:

A entrada é gratuita.
O visitante pode optar
em comprar uma foto
das espécies floridas,
como lembrança
do local, por R\$ 5,00.

e'guatá
visitar, conhecer, vivenciar.



Recanto dos Cactos

Imagine um local com 1.600 espécies de cactos dispostos em 90 vasos. Esse lugar existe! É o **Recanto dos Cactos**, localizado no centro de Foz do Iguaçu. Ele atrai pela diversidade de espécies. O local tem a impressão de que a natureza está crescendo. A estudante Juciela Miglioranza, ao visitá-lo pela primeira vez, ficou maravilhosa, os cactos machucam pelo espinho.



DICA: Recomenda-se que a visita seja feita no período

VISITE O SITE WWW.VOTENASCATARATAS.COM E ELEJA AS CATARATAS

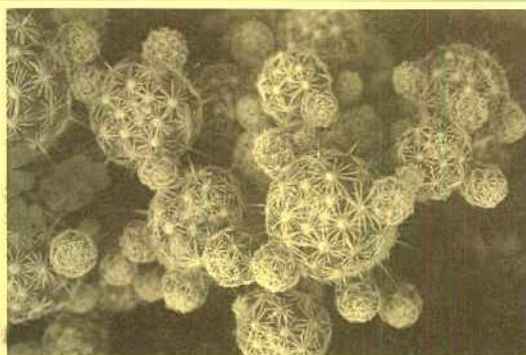




os Cactos

erentes nas suas formas, espinhos, tons e flores.
 lizado numa rua tranquila de um bairro próximo
 erente paisagem e, a princípio, quem passa pelo
 quilo que vê, seja uma miragem.
 ra uma aula de fotografia, diz: "É uma sensação
 mas dão carinho ao mesmo tempo pela beleza".

Marlene cuida sozinha do espaço, revezando-o com os afazeres da casa. Ela mostra com carinho as espécies aos visitantes, conta os apelidos inusitados dados pelas pessoas às espécies mais exóticas, como a "almofada da sogra", por exemplo. Demonstra especial afeição pelas flores dos cactos, que, em algumas espécies, só aparecem à noite e por apenas um dia. Em algumas culturas orientais, os cactos são considerados "guardiões" de um determinado espaço, agindo como uma barreira e purificando o ambiente. Os espinhos podem até parecer hostis, mas em combinação com as delicadas flores e formas inusitadas, formam um conjunto intrigante, convidando à contemplação e catarse.



la tarde, horário mais fácil de encontrar a proprietária no Recanto.

DO IGUAÇU COMO UM DAS SETE MARAVILHAS NATURAIS DO MUNDO!

Gebing

Transportes Ltda.

Fretamento
 para roteiros
 urbanos
 e viagens
 intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520
(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.

o anjo da história

Walter Benjamin

“

Há um quadro de Klee que se chama *Ângelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.



Walter Benjamin, alemão, viveu durante as primeiras décadas do século XX. Foi ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo.



Convite à utopia

Paulo Bogler

Um dos personagens de Ernesto Sábato nos informa que a memória é como uma luz sobre o museu da vergonha, antiquaria imaginária onde permanecem guardados os fatos trágicos e terríveis de nosso passado.

Iluminada pela história, a II Guerra Mundial bem comporia esse relicário de maldade e desonra, proposto pela ficção do escritor argentino. O conflito pode ser incluído entre os acontecimentos que marcaram a aventura civilizatória, ao lado de perversidades da modernidade como o extermínio dos índios americanos, a escravidão, o colonialismo e as diversas ditaduras, passagens que repõem o traço primitivo da condição humana.

A Segunda Grande Guerra teve o custo estimado em cerca de 55 milhões de mortos, entre soldados e civis, mais 5,5

milhões de vidas de judeus, ciganos e outros grupos de minorias, vítimas da perseguição fascista que atendia ao desígnio e controle estatal. A nova humanidade que emergiu deste cenário, sentiu a necessidade de responder à experiência totalitária e resguardar a primazia da vida através de um estatuto comum para todas as nações.

Foi neste contexto que surgiu, então, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que completa seis décadas, primeiro documento internacional que formalizou a sistematizou a prevalência dos direitos individuais e coletivos, proclamou o valor da paz e o respeito a todas as pessoas e suas culturas. Os direitos humanos, expressa a carta, são universais, indissociáveis e interdependentes, consideram que todos nascem livres e iguais em direito.

Este marco legal das garantias fundamentais, é necessário lembrar, nos primeiros anos de vigência foi utilizado para legitimar as políticas e práticas dos estados capitalistas que saíram do pós guerra anunciados vitoriosos. Em outra

frente, mas como parte da mesma estratégia, os direitos humanos eram evocados para confrontar países que renegaram o livre mercado e a democracia de inspiração liberal. Nos dias atuais, a Declaração Universal dos Direitos Humanos agrega em torno de seus princípios os que compartilham uma visão progressista, justa e humana para a vida em sociedade.

A declaração nasceu de uma realidade cruel para constituir-se num chamamento à utopia, na promoção da liberdade, da igualdade e da solidariedade, ideais acalentados por diversas gerações, em diferentes épocas. Os preceitos éticos e morais reunidos no texto, afirmam a humanidade do ser e convocam o indivíduo a pensar no mundo não como ele é, mas como ele poderia ser, como o sonhado que desperta, no sonho do homem que sonhava, conforme oferece Jorge Luis Borges, num de seus ensaios. Este convite à utopia faz imaginar um mundo onde as pessoas são apenas seres humanos, sem a necessidade de outras rotulações; onde a liberdade não signifique ausência de opressão, mas sim, a realização de um sentido incalculável, indivisível e

Arte em boa
companhia



CASA DO TEATRO
Telefone: (45) 3572.1473

MEGAFONE

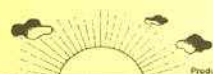


Projeto
de comunicação
cidadã

www.megafone.inf.br

EUQUES Cozinha Natural

Saborosa e saudável!!



Produtoras: Robert e Betty Stephenson

Celular (45) 8809 6204
E-mail: euques@hotmail.com
Estrada Velha de Guarapuava
Lote Grande - Foz do Iguaçu - Pr.



Sabor do Sítio

Todos os dias Café Colonial*



Rua Marechal Deodoro, 961 - Centro
Foz do Iguaçu - PR - CEP: 85851-030



Aplique sobre aquarela de Débura

indescritível para a conquista da felicidade.

Contudo, esta perspectiva utópica da Declaração Universal dos Direitos Humanos, precisa encontrar-se com o movimento do mundo, traduzir-se forma e conteúdo da cultura do homem, fator fundador de cada um, para ter força capaz de deter a longa marcha dos bárbaros.

No livro *Tragédia moderna*, o crítico de arte Raymond Williams, ao abordar o drama moderno através da obra do dramaturgo Bertolt Brecht, demonstra que a ação sobre os acontecimentos pode mudar o rumo da história. Escreve ele: "Estamos comprometidos com um processo real e com a observação não apenas desse movimento, mas também daquele, de modo que não apenas isso, mas também aquilo precisa ser dito. Temos de enxergar não apenas que o sofrimento pode ser evitado, mas também que ele não é evitado. E não apenas que o sofrimento nos esmaga, mas também que ele não tem, necessariamente, de nos esmagar". (Williams, 2002, p. 262)

Esta passagem acerca da tragédia sugere uma postura dialética, que visa a

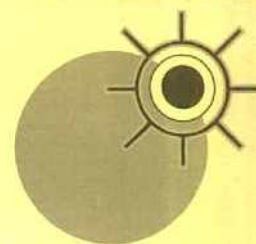
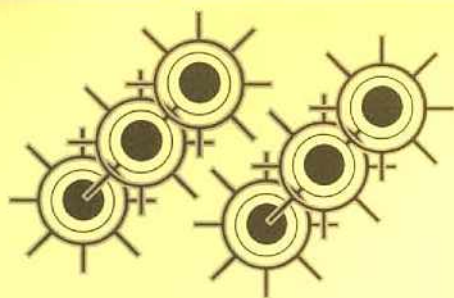
extrair ensinamentos dos fatos e experiências da vida. Demonstra ser preciso tirar lições dos escombros da história nos momentos em que esses escombros são produzidos, a favor de uma intervenção objetiva e direta, isto é, a ação humana sob a sua própria sorte, opondo-se ao potencial catártico e passivo que esses fatos podem encerrar.

Esta ação consciente, estendida aos direitos humanos, significa que a prática precisa permanentemente recobrar a teoria para fazer valer a condição de ser natural e ser social de cada cidadão, e desta forma assegurar as suas necessidades básicas nas dimensões material, econômica, social, política e cultural. Pois, a igualdade de direitos e a pluralidade, nunca é muito dizer, são temas caros à vida do homem contemporâneo, que ainda convive com a desigualdade social, a violência, a guerra, a arbitrariedade, o racismo e o preconceito.

A utopia dos direitos humanos deve ser o sonho acordado da poética de Borges, onde direito e justiça possam se encontrar e conduzir o homem para o seu último esteio: a liberdade. ☀



Paulo Bogler é estudante de Letras e agente cultural em Foz do Iguaçu, Pr.



gigantes

Fotografia de Áurea Cunha, fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

soujo

Aurea Cunha
fotografias



Retratos
Reportagens
Publicidade

Edição de imagens digitais

(45) 99774490

H₂FOZ

O Portal das Cataratas



Muito mais conteúdo na Terra das Cataratas

Notícias * Agenda Cultural * História de Foz * Entrevistas
* Fotos * Opiniões * Vídeos * Atrativos turísticos
* Guia de compras * Serviços * Eventos

www.h2foz.com.br

O portal de turismo e notícias da tríplice fronteira.

imagine
cultural



Tel: (41) **3562 9018**

Cel: **9946 3733**

www.imagine.org.br



**FER
NAN
DO**
BENEGA
FOTOGRAFIA DIGITAL

Tel. **45 91297419 / 35744885**

literando



*Somente o deserto
ermo, espaçoso...
contém sons libertários.
Diz-nos: entrega tudo!
Não saíras vazio
mas forte e sábio.*

*Havia sombras
disfarçadas de luz
na menina dos teus olhos*

*Se não há sede genuína
pouca ou nenhuma função
terá a fonte
que se apresente.*

*O Amor é a combinação
de todas as virtudes.
Pode ser evidente...
nas pequenas sutilezas.*

Mapê Carneiro

Meu Brasil

Ó terra de heróis garridos
de sóis, memoriais e raças...
Desperta ao destino que se traça
Repudia o nefasto comodismo

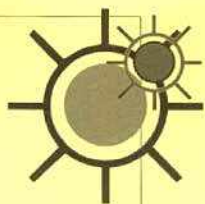
Olha essa gente a acenar,
rostos lânguidos, mãos crispadas
Mortos vivos pelas estradas
sem clemência alcançar.

O que, enfim, tanto te restringe
se riquezas já possuis?!
Converte em ação teus passos

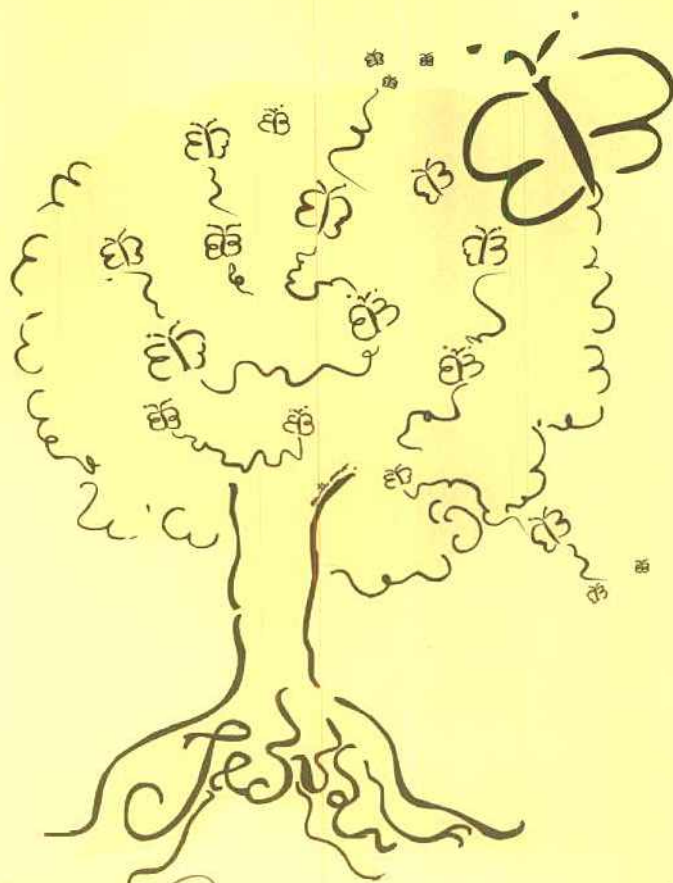
Promove a paz, excelência imprime
na pátria altaneira aonde flui
o ouro negro dos teus regaços.



Mapê Carneiro (Maria da Penha Beiriz D'Azevedo Carneiro), 64 anos,
é formada em Geografia. Atua como escritora, revisora e compositora
de letras gospel em Foz do Iguaçu, Pr.



ohtos
soujo

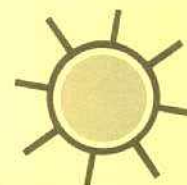


Transforme-se para voar!

"E não vos conformeis a este mundo;
mas transformai-vos com a renovação do vosso entendimento..." Rom 12,2

22

 Ilustração de **Carine Cavalcanti**, designer gráfico em Foz do Iguaçu, Pr.



olhos

ritmo

Fotografia digital de Agnelo Rocha, ator em Foz do Iguaçu, Pr.

ênfase

São tantas as histórias que ouvi de meu pai nos últimos tempos de sua vida. Ele, que sempre preferiu o silêncio na maior parte de sua trajetória, foi quebrado pela minha insistência e andou abrindo frestas no baú de memórias. Por elas deixou escapar “passagens”, termo que usava para se referir a fatos do cotidiano que vivenciou na fronteira durante mais de 70 anos.

Penso que as dramáticas têm seu peso mas não concorrem com as mais divertidas. Prosaicas como aquela que teria ficado registrada durante muito tempo no livro de ocorrências do batalhão do exército e que aconteceu lá pelos idos dos anos 40, “logo depois do final da Guerra”, conforme meu pai contou.

Silva era originário da região de Telêmaco Borba e veio servir o exército na companhia de Foz do Iguaçu. Para isso, circundou o mapa do

Paraná de trem e de navio.

Apesar de sua pouca escolaridade, logo depois da sua chegada à cidade, mereceu virar cabo tamanha aplicação no curso de formação. Do próprio curso, tirou, entre outras lições, a máxima de que os relatórios das atividades de um militar deveriam ser bastante minuciosos. E, como ouviu de um superior, ter as “tintas próprias” do sujeito que relatava um determinado fato.

Foi assim que numa noite de dezembro, Silva deu sua contribuição para as lendas da caserna iguaçuense. Escalado para coordenar a guarda do pequeno batalhão no período, o que significava zelar pela segurança do patrimônio e pela disciplina dos engajados naquele batalhão, ele relatou com estranha clareza ao “livro de ocorrências”, uma espécie de diário da caserna, sua ação para debelar um possível incidente diplomático na noite da fronteira.

“Estando eu, Silva, como cabo do dia, respondendo pelo nobre atributo de defender nossa guarnição e manter a ordem das coisas aqui no quartel e no resto da vila de Iguassu, lá pelas tantas depois das 10 da noite, fui informado de que havia desordem

e bagunça pelos lados da putaria do Café e Leite. E que faziam parte do entrevero, alguns homens deste batalhão. Como era noite alta já, e não parava a algazarra, com os gritos aumentando e chegando no nosso posto, resolvi montar uma patrulha com seis homens e a bordo de nossa viatura Jeep, pra lá me dirigi.

Fazendo todo o trajeto em atenção redobrada, alcancei a beira do rio Boicy, e constatei de que era de lá mesmo que vinha o barulho.

Quando adentrei ao recinto suspeito, tive uma surpresa ao ver que alguns de nossos rapazes fardados disputavam na mão, com civis e marinheiros, inclusive paraguaios e argentinos, as mulheres daquela casa de tolerância suspeita, gerenciada pela Luiza Satã. Constatei que a entrevero era grande e que o pau dentro do estabelecimento e no pátio corria solto, solto, solto, solto.

Diante do perigo, tomei a providência de encerrar a festa no puteiro afugentando o pessoal sem farda e efetuando a prisão dos nossos pracinhas, dando um pequeno desconto para a urgência deles, pois, data vênia, é fim de ano, e todo mundo quer fazer e merece festa também.” ☀



Silvio Campana é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.





Fernanda Spinola

Juramento

Seu céu, meu céu,
Sua felicidade , minha felicidade,
Minha castidade , sua castidade,
Minha verdade , sua verdade,
Seu prazer , meu prazer,
Sua alegria , minha alegria,
Meu amor, seu amor.

Meu mel , seu mel,
Minha infidelidade , sua infidelidade
Sua liberdade , minha liberdade,
Sua mentira , minha mentira,
Minha tristeza, sua tristeza,
Minha dor , sua dor,

Vivência buscando curas insanas,
Perpetuando juras,
Puras,
Profanas,
Da nossa essência humana.



Fernanda Spínola Guimarães
é professora do ensino médio
em Foz do Iguaçu, Paraná.

Ânsia de amar

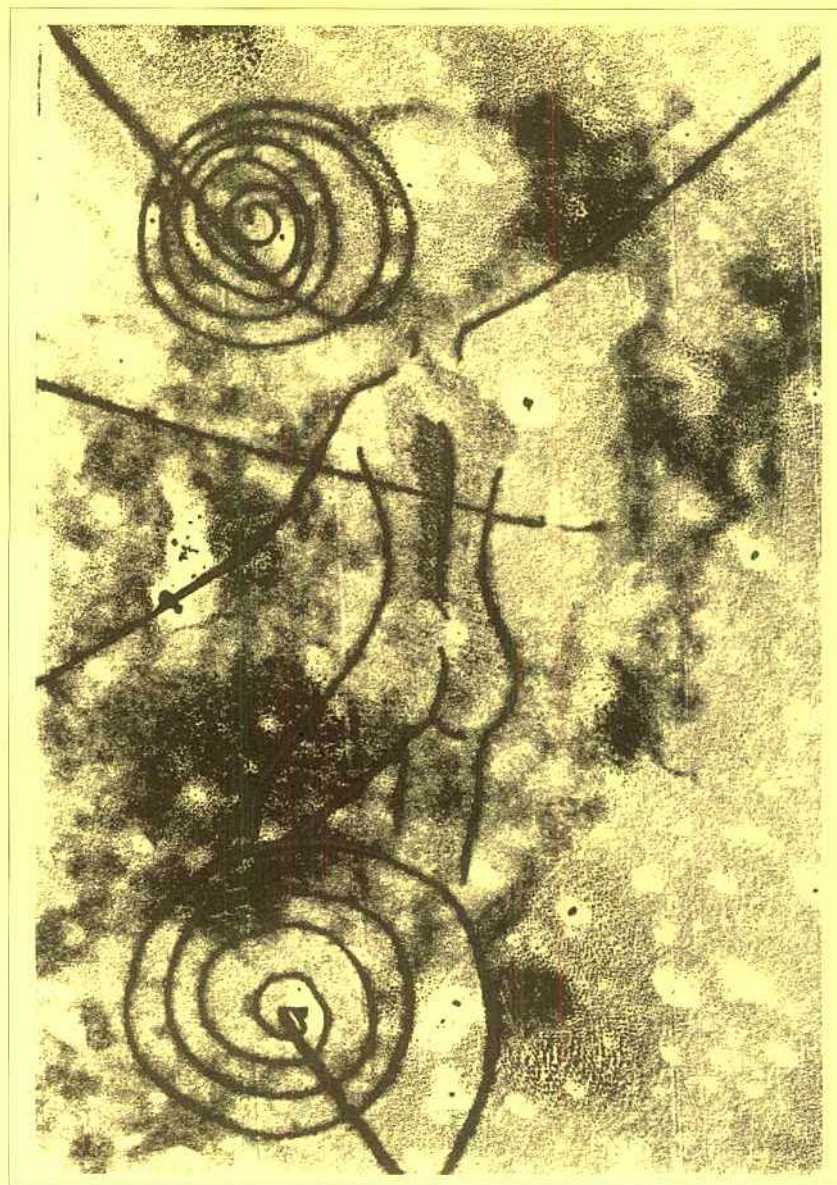
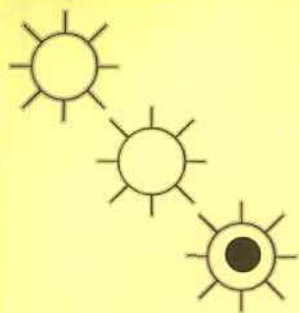
Rolando eu e você em forma de Cataratas
nesse sonho nebuloso,
nos afogamos, sim, quase mortos estamos,
Eu em ti, por muitas vezes, bebo de tua água.
Você em mim esperando minha água te molhar.
Afogue-se em mim, agora e sempre!

Água doce , doce água...

Meu estado líquido revira-te do avesso.

Te faz pular,
tremar,
brincar,
mexer,
remexer.

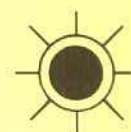
Nessas gostosas peripécias ,
caudaloso jorras tuas águas cristalinas,
Saciando a minha insaciável ânsia de amar.



mulher nua

Monotipia de Juciela Miglioranza, professora em Foz do Iguaçu, Paraná.

olhos



escrita

31

Chicharrones de Almas

todos los días son iguales
todas las canciones son iguales
no hay nada de nuevo bajo el cielo azul
¿estará azul el cielo de tanta frialdad?
cuanta repetición de engaños
cuantas mentiras iguales
cuantas lágrimas transparentes e iguales
cuantas películas iguales
¡salvame, control remoto!
mentiroso control que repasa siempre
los mismos programas iguales
que me dan las mismas impresiones
sensaciones mentirosas de novedad
mis tristezas de todo día
que tristeza tan igual a la de ayer
mi hoy también es igual a mi ayer
la misma tristeza que corta
y que marca mis pasos iguales
marca todo mi trayecto
define las aceras, los muros, las casas
las puertas y las calles
todo esta igualmente marcado
todo, todo, todo se repite
el latido del pecho
el chorreo del grifo
hasta la muerte es igual
el mismo llanto
el mismo quebranto
y después de unos días
el mismo olvido
seres predecibles
tan estúpidamente predecibles
reses marcadas, vacas de igual raza
destinada a la misma olla
chicharrones de almas iguales
degustadas en las mismas mesas
de la vieja infelicidad



LAS BRUJAS

DE AVALON

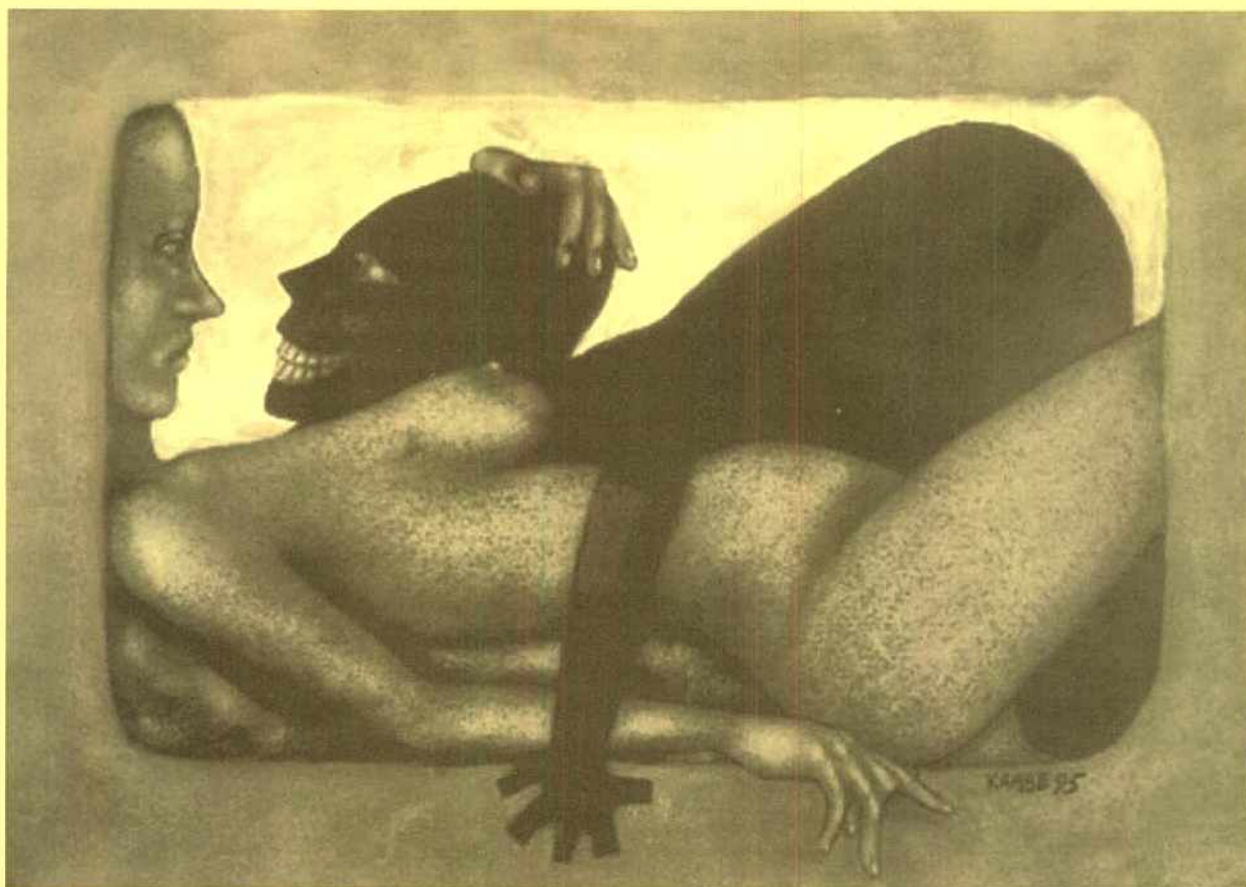
SOLO USAN LABIAL ROJO

DE AVON



quiero un amor mas grande que yo,
que no quepa en mi.
de esos que uno tiene que agrandarse
para contenerlo.
no quiero ese sentimiento pequeño,
esa débil pulsación
que siento cuando te encuentro.
yo quiero mis latidos audibles,
que me salga el corazón por la boca
y que me deje sin palabras,
atragantada de tanto amar.
quiero que sea tan grande,
que me saque de mis casillas
y que me lleve a otra dimensión.
mas allá de mis viejas fronteras
y que me tenga extranjera,
expatriada de mi misma hasta
que se me olvide mi lengua nativa.
ese es el amor que quiero.
eso es amor. es lo que quiero

● Bell Oliveira é atriz. Brasileira, vive atualmente em La Paz, Bolívia.



conversas de amor

Giz de cera sobre papel (66x96), de Kambé.
Cláudio Kambé é artista plástico em Curitiba, Paraná.

A onipresença da mídia

Izabel Leão



Participei de uma palestra sobre educomunicação e meio ambiente, através do Projeto Comciência, numa escola que fica bem longe de onde moro, vivo e trabalho. Iniciei falando que para explicar a educomunicação, embora exista teoria, gostaria de ir, com a prática, explicando o que entendemos por esse novo campo de conhecimento que vem se formando. Levei vários exemplos de programas de rádio, de histórias de jovens educadores e jovens fazendo mídia durante o VI Simpósio de Educomunicação, realizado em outubro, deste ano.

Como o objetivo do Projeto Comciência é despertar o interesse de crianças e adolescentes para a ciência e a pesquisa, contribuindo assim com o desenvolvimento socioambiental da região Capela do Socorro, a educomunicação é uma proposta que pode contribuir de forma exemplar para a disseminação desse interesse.

Desde 2000 venho construindo minha trajetória profissional de uma forma que contribua na transformação da sociedade brasileira, mesmo que seja uma pequena semente num oceano, e por isso a educação passou a ser a segunda opção profissional, pois é o caminho que acredito para a tão sonhada mudança. A primeira opção é a comunicação, especificamente o jornalismo.

O conceito de educomunicação une as duas áreas do saber – educação e comunicação fazendo com que ambas trabalhem conjuntamente, em interação. Sendo assim, a educomunicação se encaixa perfeitamente na minha proposta de levar a comunicação para a educação.

Vale ressaltar, que a inter-relação dessas áreas há duas décadas vêm se desenvolvendo pelo Brasil e além mar. No seu início propunha a leitura crítica da mídia, principalmente a televisão, pois

esta era vista, e eu acredito que ainda é, com muitas ressalvas pelos educadores.

Foi em 1999, que o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – NCE/USP, a partir de uma pesquisa, denominada Perfil, detectou que, em toda a América Latina, existiam muitas experiências de educomunicação.

Depois de uma boa caminhada, a educomunicação vem ampliando sua abordagem para além da leitura crítica dos meios de comunicação. O que essa área do conhecimento propõe é que os educadores e educandos se apropriem das diferentes tecnologias – jornal impresso, rádio, televisão, internet – no dia-a-dia da sala de aula, do trabalho na ONG, ou de outros espaços de educação não formal. Esta intervenção deve ser de maneira participativa em que o diálogo se dê horizontalmente, e que a premissa básica de uma escola que se propõe mudar, seja incentivar atividades em conjunto entre os envolvidos, onde todos são acolhidos por sua potencialidade e partilhem de conhecimento. Não vemos mais o professor como o dono do saber e o aluno um mero expectador. A educação bancária, tão criticada por Paulo Freire, precisa acabar. Só assim os educandos terão mais interesse em aprender.

Podemos afirmar que a educomunicação propõe não somente usar bem a mídia na sala de aula, mas sim que professores, alunos e comunidade escolar se apropriem das diferentes tecnologias para melhorar e ampliar as relações de comunicação, os mecanismos de expressão entre todos os envolvidos. Aí reside o maior interesse da educomunicação – não interessa o melhor uso das tecnologias e sim em como utilizar esses recursos para melhorar as relações de comunicação entre os envolvidos.



PROTAGONISMO:

Em todo o País, projetos pretendem disseminar conceitos que aliam as áreas de comunicação e educação.

Na foto, estudantes do ensino médio participando da "Roda de Conversa", uma iniciativa da Casa do Teatro, em Foz do Iguaçu.

E o que a educomunicação tem a ver com o meio ambiente? Primeiro é bom ressaltar que tudo neste nosso planeta tem a ver com o meio ambiente, compõe o meio ambiente. Este não é uma área estanque. Uma vez que tudo está relacionado podemos dizer que a educação e a comunicação tem muito a contribuir para melhorar o ecossistema em que vivemos.

A novidade é que o Ministério do Meio Ambiente determinou a incorporação da educomunicação nas suas metas de desenvolvimento, propondo que os coletivos educadores se apropriem da metodologia proposta pela educomunicação. Para deixar mais claro é que os coletivos educadores devem trabalhar as questões ambientais a partir do protagonismo juvenil, da socialização dos saberes, do compartilhamento das atividades, da dialogicidade, da ampliação da expressão comunicativa dos envolvidos, fazendo uso das tecnologias da comunicação e não apenas como mero reprodutores de conteúdo. O segredo é colocar a mão na massa. É fazer webrádio, jornal mural, fanzine, história em quadrinho, vídeo amador, blog, site, entre outras tecnologias.

Ismar de Oliveira Soares, professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), precursor dos estudos da educomunicação no Brasil, afirma que o objetivo da educomunicação socioambiental é o de suprir o que as grandes campanhas midiáticas não alcançam: "transformar cada habitante do Brasil em um defensor ativo da natureza; em um sujeito capaz de empregar, de modo adequado, todos os recursos da informação disponíveis em seu espaço para mobilizar sua comunidade na defesa do ambiente e em sua revitalização."

Vale destacar que levar a educomunicação para a sala de aula

não é só pensar no produto final. O que se quer é que todos participem do processo de construção do produto midiático, desde sua concepção até a finalização. Que todos criem as pautas, elaborem os roteiros, pesquisem, entrevistem, escrevam, editem, e assim sucessivamente. O produto final, ou seja, o jornal mural, o programa de rádio ou vídeo editado é a consequência do trabalho de todos os envolvidos. Todos sabemos que o que dá prazer é ver ou ouvir o produto final. É isso que gera a atitude afirmativa para a continuidade do processo.

Isso sem esquecer que o planejamento é muito importante. Qual a periodicidade, quem vai compor a equipe, de que forma vai ser distribuído, ou ouvido, ou assistido? Qual o público-alvo? Entre outras questões que fazem parte da construção de um processo comunicativo. Envolver a todos no processo é enriquecedor. Promove a troca de saberes, estabelece cumplicidade, ajuda a compreender a diversidade de culturas.

O jovem ao se apropriar da mídia se torna protagonista do processo midiático. Ele começa a entender como a informação se processa. Sua visão de mundo é transformada e ele percebe melhor como se dá a relação do ser humano na sociedade e com isso pode entender melhor como ajudar a mudar alguns processos. O adulto, o professor, o educador envolvido nessa proposta também muda seu referencial de dono do saber para mediador do saber. Ele nunca deixará de ter um papel importante. No entanto, precisa entender que esse saber, na Era da Informação, disseminou-se. Saiu das páginas do livro didático e está presente na novela, no programa de auditório, no programa de rádio, que pode ser ouvido em qualquer lugar, ainda mais hoje com a onipresença do celular.*



Izabel Leão é mestre em Educomunicação pela Universidade de São Paulo - USP.

Nesta hora tudo tem uma fisionomia de descansado
o amanhecer sempre traz o frescor e o aroma do novo
nada do que diz respeito ao ontem nos parece tão irresolúvel
o tempo passeia tranquilo no jardim de margaridas
o sol boceja preguiçoso enquanto a lua
leva consigo nossos fantasmas
a luz, ainda criança
aproveita a brincadeira
do vento que dança
com a persiana
para transbordar o quarto de alegria
a luz não toca a tua pele, apenas
se reflete em tua candura
para retornar ao infinito do céu
o ar plano brando
tua respiração, lenta e harmoniosa
toma e liberta a incolor essência da vida
teu sonho flutua sobre o travesseiro formando linhas
e desenhos em teus cachos emaranhados
tuas pálpebras serenas me escondem
as águas marinhas das tuas pupilas
um canto da tua boca parece sorrir
mesmo sem motivo aparente... mas há
conto as pintas do teu colo como se fossem estrelas
traço retas imaginárias unindo-as
e formando figuras
como fazemos com as nuvens em devaneio

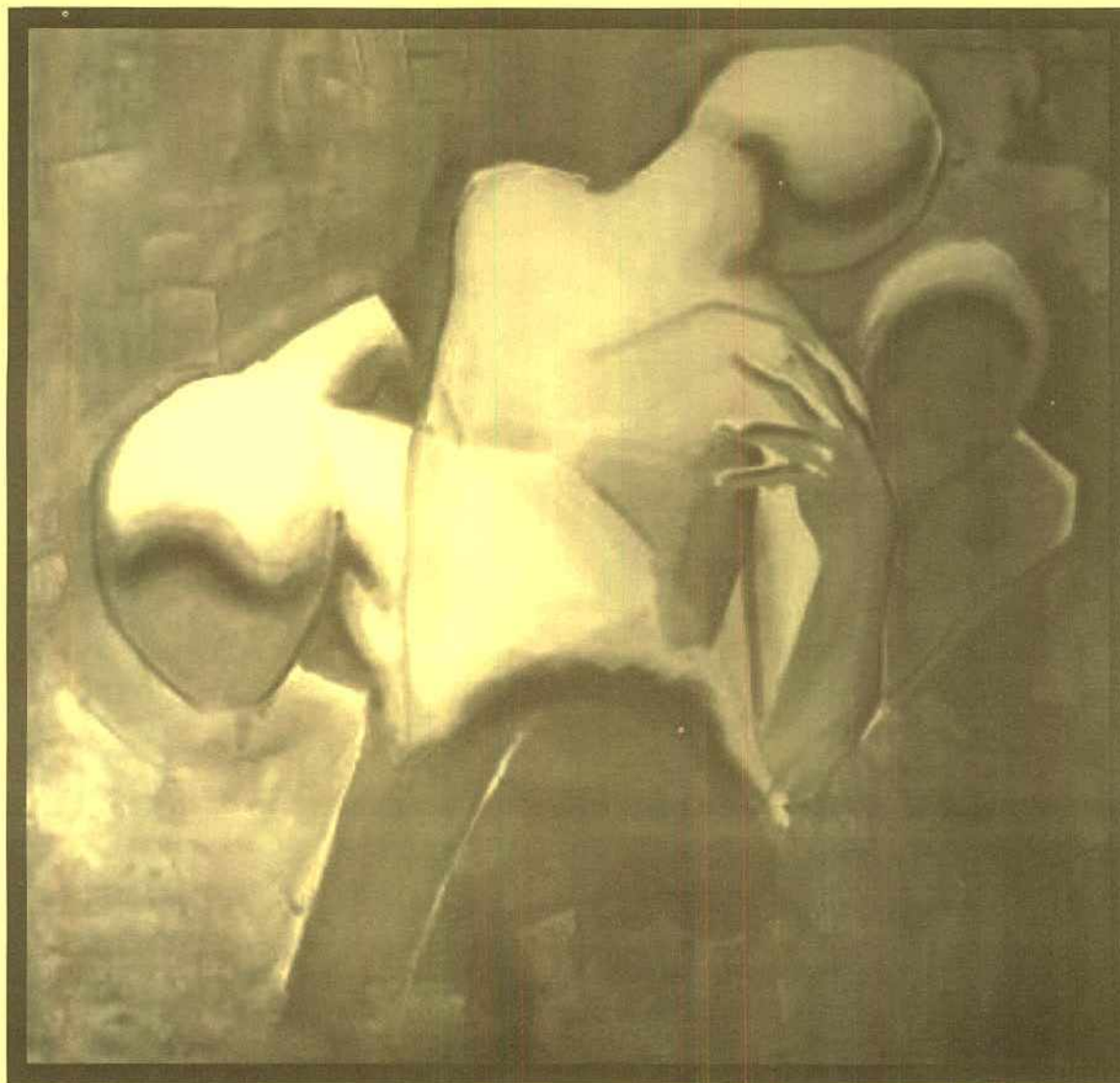
crônica
poética

sinfonia em ana...

Carlos Luz

uma alça rebelde escapando do teu ombro marca
os limites de uma auréola rosa e proibida ainda
ocultando uma geografia de vales
planícies e serras a serem almeçadas
tua mão largada abre-se para que o futuro ali possa se aninhar
tuas sutis mudanças de posições
acompanhadas de sussurros dengosos
fazem o leme de meu pensamento navegar
conforme tuas brisas... não tenho o porquê de acordar
tão geniosa inspiração
envolvo-me em delirante viagem
tentando descobrir que tal motivo tenha
tão generosamente me presenteado a vida
para usufruir de imagem tão sublime e divina
logo eu que nada fiz para merecer tão davivosa manhã
chego a estremecer em pensar que é apenas um sonho
ajoelhando-me ao teu lado para respirar das tuas sobras
fixo meu olhar, tentando penetrar no teu ser...
teus mares se abrem e a vida torna
ao seu sentido original
um contentamento repele minhas desconfianças
é real... digo bom dia ana, beijo tua boca
e te ofereço carinhos, cuidados e café...





me my self and i

Acrílico sobre tela de Rogério Silva, artista plástico em Foz do Iguaçu, Pr.

Momentos de ruptura entre os adolescentes e a literatura

A literatura infanto-juvenil, em sua gênese, está atrelada ao contexto escolar tendo como o alvo a oferta de textos “adequados” a uma faixa etária que não lê mais. La Fontaine por ser muito infantil, nem tem maturidade para a leitura das obras consagradas de Machado e Alencar. Assim surge a literatura infanto-juvenil que se caracteriza como a solução para preencher um espaço vago entre o Ensino Fundamental (séries iniciais) e o Ensino Médio. Entretanto, encontramos a escola perdida, capenga e pouco produtiva por não conseguir desempenhar seu papel de formadora de leitores, mesmo com uma variedade de publicações à disposição.

É possível encontrar práticas escolares mais preocupadas com o currículo do que com a autonomia de leitura dos adolescentes, sendo comum aplicar metodologias que usam a literatura como um pretexto gramatical no qual o texto literário passa a ter uma função exclusiva de explorar as questões de funcionamento da língua e suas relações entre a fala e a escrita, o que leva o professor a acreditar que está abortando a fragmentação de conteúdos curriculares. Essa ação escolar não se caracteriza como um ato exclusivamente negativo, no entanto, o acesso à literatura não deveria ser restrito em situações de ensino gramatical, o que revela a falta de preocupação com a formação de leitores com curiosidade e reflexão em

torno do que acontece entre o sujeito e o objeto a ser conhecido no ato da leitura.

O tratamento secundário dado ao texto literário assume sua primeira colocação apenas no momento de obrigação da leitura de obras de literatura infanto-juvenil, normalmente adotadas pelo professor, para posterior avaliação mensal ou bimestral. Assim mais uma vez a escola sepulta a oportunidade de escolha dos adolescentes ofertando-lhes o castigo e a obrigação de ler. Essa postura é encontrada na maioria das escolas de Ensino Fundamental como um mérito, pois essas instituições se envaidecem ao divulgar que seus alunos lêem um ou mais livros por bimestre obrigatoriamente.

O jovem que passa pelo Ensino Fundamental encontrará um novo desafio quando chegar ao Ensino Médio, o de suportar os clássicos da literatura brasileira, por não ter sido convidado, mas obrigado a entrar no mundo da leitura sem saber encontrar o caminho da satisfação e construção pessoal no ato de ler. Qual a solução que esse refém do sistema escolar encontrará? Agora a exigência não se restringe à prova bimestral do livro, mas também aos conhecimentos que deve provar no vestibular. Não seria ousado demais querer uma cultura de leitura entre os adolescentes que vivem todo esse processo de escolarização?

Repensando, sobram poucas opções, somos levados pela escolha da destruição e desaparecimento da escola que oprime, deforma, exclui e conclui seu ano letivo com orgulho de vencer o currículo. Essa escolha será atingida quando a importância da leitura literária for salientada, não somente para o sucesso de atividades escolares, como também para a formação pessoal do adolescente. Assim, o surgimento de uma nova escola, democrática e aberta para a assimilação de práticas mais eficientes e menos excludentes ainda pode ser um objetivo distante, mas possível de ser atingido. A mais acessível opção é acreditar! ☀



Maria Cristina Lobregat é professora do ensino fundamental em Foz do Iguaçu, Paraná, e desenvolve projetos de incentivo à leitura.

Presenteie
livros!

 travessadoseditores.com.br



**Um voo de boa música
e descontração**

Rua Major Raul de Matos, 222
Vila Yolanda - Foz do Iguaçu
Reservas pelo tel.: 3523-1804

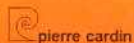
Visão com estilo

Principais marcas em armações e lentes para óculos de sol e grau.

Óticas Lunelli



Transitions



Ganhe 20% nas compras à vista
ou 10% nas parceladas em 6x sem juros.

Foz do Iguaçu - Centro - oticaslunelli@yahoo.com.br

Avenida Brasil, 720

Fone: (45) 3028-1178

Avenida Brasil, 1020

Fone: (45) 3574-4414

Rua Almirante Barroso, 1523 - Fone: (45) 3028.4415

SuQtel
pastelarias

lanches rápidos
doces & salgados
assados
pão de queijo

sucos naturais e de polpas •
chocolate quente •
café •

FOZ DO IGUAÇU

• Rua Quintino Bocaiuva, 653, Centro
(Quase esquina com Av. Brasil)

Telefone: (45) 3572.5272

• Rua Xavier da Silva, 649, Centro
(Em frente à Prefeitura Municipal)

Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC

Rua XV, Centro.

Telefone: (47) 3433.4650

A natureza fez as Cataratas.
O homem fez Itaipu.



E você? O que está fazendo que ainda
não marcou sua viagem para Foz?



Turismo é
desenvolvimento
sustentável.

Venha para Foz do Iguaçu.

Passe suas férias em um dos destinos mais incríveis do mundo. Na fronteira de três países, Foz do Iguaçu tem tudo para fazer de sua viagem uma experiência inesquecível. As Cataratas do Iguaçu, a maior usina hidrelétrica do mundo em geração de energia, os melhores roteiros de ecoaventura, compras e muito mais. Arrume as malas e faça de Foz do Iguaçu seu próximo destino.

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

ITAIPU
BINACIONAL

